

Mundo urbano e a participação dos negros no 14^o Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS)

Urban world and the participation of the black in the 14th Intereclesial of the Basic Ecclesial Communities (CEBS)

Fabio Lanza¹
José Wilson Assis Neves Jr²
Lenir Candida de Assis³

RESUMO

Em 2018 ocorreu em Londrina-PR o 14^o Intereclesial das CEBs, com a presença de 3.114 pessoas de todo o Brasil e de países da América Latina. Trata-se de encontro religioso católico com o tema “Desafios do mundo urbano”. Este artigo apresenta dados da pesquisa realizada entre os participantes pelo LERR/UEL (Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades, vinculado a Universidade Estadual de Londrina – PR), em que 53,06% eram negros. O recorte étnico-racial mereceu relevância e motivou a problemática a ser elucidada: qual o perfil dos participantes negros? Como ocorreu a participação dos negros no encontro, uma vez que estão submetidos a diversos desafios nas cidades

¹ Pós-Doutor em Ciências Sociais (PUC SP), professor associado do Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia (M e D) e Programa Profissional de Sociologia em Rede vinculados a Universidade Estadual de Londrina (UEL).

² Doutor em Ciências Sociais (UNESP/Marília – SP) e pesquisador da equipe do LERR/UEL.

³ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (LERR/UEL).

brasileiras? Qual a percepção dos negros em relação aos diversos temas abordados no encontro? O estudo mostrou os negros muito presentes no cotidiano da vida da igreja, tendo identificado os seus maiores desafios no mundo urbano. Desse estudo, evidencia-se a necessidade das CEBs aprofundar em suas regiões, as especificidades da população negra, uma vez que se constituem em membros e lideranças de comunidades, vivendo em ambientes e situações de violência, precariedade nas políticas públicas e criminalizados pelo preconceito e desigualdades.

PALAVRA-CHAVE

Sociologia das Religiões; Teologia da Libertação; Comunidades Eclesiais de Base; Questões Raciais.

ABSTRACT

In 2018 occurred in Londrina-PR the 14th Intereclesial of CEBs with the presence of 3.114 people from all over Brazil and from Latin American countries. It is a Catholic religious meeting with the theme “Challenges of the urban world”. This article presents data from the survey carried out among the participants by the LERR / UEL, in which 53.06% were black. The ethnic-racial clipping was relevant and motivated the problem to be elucidated: what is the profile of the black participants? How did the participation of the blacks occur in the meeting since they are subjected to several challenges in Brazilian cities? What is the perception of black people in relation to the various themes addressed at the meeting? The study showed blacks very present in the daily life of the church, having identified their greatest challenges in the urban world. This study highlights the need for CEBs to deepen the specificities of the black population in their regions, since they are members and leaders of communities, living in environments and situations of violence, precariousness in public policies and criminalized by prejudice and inequalities.

KEYWORDS

Sociology of Religion; Liberation Theology; Basis Ecclesial Communities; Racial Issues.

Introdução

Sob a inspiração do Concílio Vaticano II (1962-1965)⁴, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) surgiram no Brasil e se consolidaram como um modo específico de se organizar no interior da Igreja Católica no Brasil, principalmente entre os anos 1970 e 1980. O primeiro encontro intereclesial das CEBs foi realizado em 1975, em Vitória no Espírito Santo. Em tempos de ditadura militar, as CEBs foram organizadas e identificadas como uma parte da Igreja Católica, preocupada e comprometida com as pessoas que, naquele momento, eram privadas de direitos civis, políticos e sociais, tornando-se, naquele contexto, um lugar de manifestação da fé e de mobilização pela liberdade das pessoas. Em pouco tempo, a experiência iniciada no Brasil tornou-se uma realidade também em países da América Latina. Tinha como metodologia a leitura popular da Bíblia na perspectiva da Teologia da Libertação⁵. Isso acontecia em pequenos grupos, nas casas das pessoas, com a participação ou não de membros do clero. A partir da reflexão, as contribuições de cada participante produziam iniciativas capazes de propor a transformação da realidade em que viviam, como afirma o sociólogo Michel Löwy:

A comunidade de base é um pequeno grupo de vizinhos que pertencem a um mesmo bairro popular, favela, vila ou zona rural, e que se reúnem regularmente para ler a Bíblia e discuti-la à luz da sua própria experiência de vida. As CEBs fazem parte de uma diocese e têm ligações mais ou menos regulares com os agentes pastorais: padres, religiosos e, sobretudo, religiosas. Pouco a pouco, os debates e as ati-

⁴ O Concílio Vaticano II, 21º Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961 pelo Papa João XXIII e por ele próprio aberto no dia 11 de outubro de 1962. É considerado um dos mais importantes eventos do século XX (CONCÍLIO Vaticano II: 50 anos depois. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, RS, ano 12, n. 401, set. 2012, p. 2. Disponível em: www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao401.pdf. Acesso em: 3 maio 2019).

⁵ A partir dos dados coletados na pesquisa documental sobre o tema Teologia da Libertação, selecionamos a contribuição do teólogo Gustavo Gutiérrez. Ele afirma que se trata de uma corrente teológica cristã nascida na América Latina, depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, que parte da premissa de que o Evangelho exige a opção preferencial pelos pobres (GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000).

vidades da comunidade se ampliam, geralmente com a ajuda do clero progressista, e ela começa a assumir tarefas sociais: lutas por habitação, eletricidade e água dentro das favelas, luta pela terra no campo. Em alguns casos a experiência dessas lutas conduz à politização e à adesão de inúmeros animadores ou membros das CEBs aos partidos de classes ou às frentes revolucionárias.⁶

O 14º Intereclesial das CEBs, realizado em janeiro de 2018, foi marcado pelo debate em torno dos desafios do mundo urbano, tema do encontro.⁷ A diversidade do perfil dos participantes, ou seja, origem social, nacionalidades, grupos étnicos, dentre outras características, também marcou o evento. Participaram 3.114 pessoas de todos os estados brasileiros, também do Uruguai, Paraguai, Argentina, Chile e 25 nações indígenas. Diante da pluralidade e da representatividade dos participantes, selecionamos de modo intencional o recorte étnico-racial e os participantes negros, suas ações e demandas a serem apresentadas ao longo do trabalho. A problemática que orientou a escrita pautou-se em: qual foi o perfil dos participantes negros que estiveram presentes no evento? A análise e a interpretação dos dados qualitativos e quantitativos, a partir da pesquisa de campo com os participantes e da pesquisa documental, possibilitaram as respostas.

Para analisar as respostas obtidas no questionário aplicado pelo LERR/UEL durante o evento, foi feito o recorte dos dados correspondentes apenas à presença dos negros e das negras no 14º Intereclesial das CEBs. O universo dos instrumentos coletados na pesquisa de campo equivale a 68,62% dos participantes do encontro, o que significa dizer que, dos 3.114 participantes, 2.137 responderam à pesquisa. Desses, 1.118 se autodeclararam pardos, pretos ou negros. Isso permite afirmar que 53,06% dos participantes eram negros. Este estudo analisou os dados da pesquisa do LERR/UEL, dialogando com as fontes: IBGE, OXFAM Brasil⁸

⁶ LÖWY, M. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez, 1991, p. 46.

⁷ Os encontros das CEBs são organizados a partir de um tema central e que são alterados em cada evento. Para identificar a listagem de temas acessar: <http://cebsdobrasil.com.br/intereclesiais/>. Acesso em 16 jun. 2021.

⁸ Confederação membro de um movimento global que tem como objetivo construir um futuro sem pobreza, desigualdades e injustiça (OXFAM BRASIL. *Quem somos*. Pinheiros, SP, 2018. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/a-distancia-que-nos-une/>. Acesso em: 2 dez. 2018).

e IPEA que apresentam dados precisos em relação ao perfil da população negra no Brasil.

1. A participação dos Negros no 14º Intereclesial

Segundo Saraiva, a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C), realizada pelo IBGE, em 2016 a população brasileira atingiu 205,5 milhões de pessoas e, pela primeira vez, os dados mostraram um país com menos brancos e com mais pardos e pretos. Conforme dados da PNAD-C, entre 2012 e 2016, a população brasileira cresceu 3,4%, com redução de 1,8% entre os que se autodeclararam brancos; um aumento de 6,6% entre os que se autodeclararam pardos e um aumento de 14,9% entre a população que se identificou como pretos. Temos, portanto, 90,9 milhões de brancos; 95,9 milhões de pardos e 16,8 milhões de pretos. Isso comprova que há, no Brasil, 90,9 milhões de pessoas brancas e 112,7 milhões de pessoas afro-brasileiras.⁹

No entanto, o IBGE não utiliza a terminologia negra como opção de cor/raça para escolha e autodeclaração dos entrevistados.¹⁰ Quando a equipe de pesquisa do LERR/UEL incluiu a opção “negra” como possibilidade de resposta, houve a adoção de uma perspectiva epistemológica que buscava romper com as representações sociais disseminadas no Brasil, que enaltecem o padrão de beleza associado às pessoas brancas em detrimento do padrão de beleza das pessoas negras¹¹. Com o propósito de avaliar a consciência dos participantes sobre o referido debate (preta, parda, negra) e a autoidentificação como uma forma de ruptura com o

⁹ SARAIVA, A. “População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos”. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 24 set. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores>. Acesso em: 3 dez. 2018.

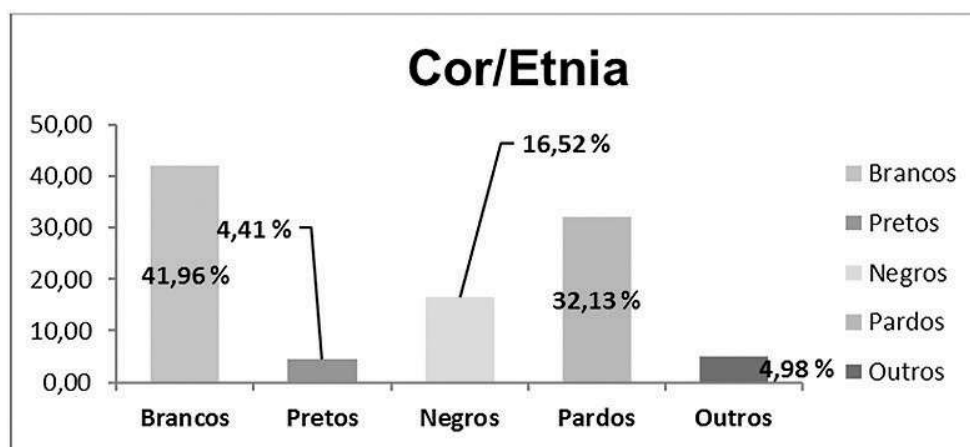
¹⁰ SARAIVA, 2017.

¹¹ Para maior aprofundamento ver: GUIMARÃES, A. S. A. “Como trabalhar com raça em sociologia”. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo v, 29, 2003, p. 93-107. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DYxSGJgkwVyFJ8jfT8wxWxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

padrão branco (eugenista)¹² – que formulou exclusivamente as opções parda e preta – optamos por acrescentar entre as múltiplas respostas aos sujeitos da pesquisa o termo “negra”, na questão acerca da autodeclaração sobre cor/raça. Para os fins propostos no texto a seguir, os participantes negros são o resultado da soma dos autodeclarados pretos, pardos ou negros. Se adotarmos essa perspectiva, verifica-se que o Brasil tem uma população majoritariamente negra: 54,84% do total.

Considerando esses dados, tomemos a autodeclaração dos participantes do 14º Intereclesial, obtendo o seguinte resultado: 41,96% de participantes se autodeclararam brancos; 4,41% se autoidentificaram como pretos; 16,52% como negros e 32,13% como pardos. Esses números permitem afirmar, segundo nossa concepção epistemológica, que 53,06% dos participantes do encontro nacional das CEBs eram negros.

Gráfico 1



Fonte: Pesquisa 14º Intereclesial CEBs 2018, LERR/UEL.

O fato de a pesquisa realizada no 14º Intereclesial ter inserido a terminologia “negra”, como opção para a autodeclaração em relação à cor/raça, traz um importante diferencial que merece ser observado, já que 16,52% dos participantes identificaram-se como negros, ao passo que, se seguissem os critérios do IBGE, a opção seria necessariamente

¹² DIWAN, P. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2013.

preta ou parda.¹³ Pergunta-se então: quais os critérios que os levaram a optar entre a identidade racial preta, parda ou negra? A formação populacional brasileira é heterogênea e regionalizada, o que se traduz, na prática, em diferentes hábitos, costumes, modos de vida e identidades diversas.

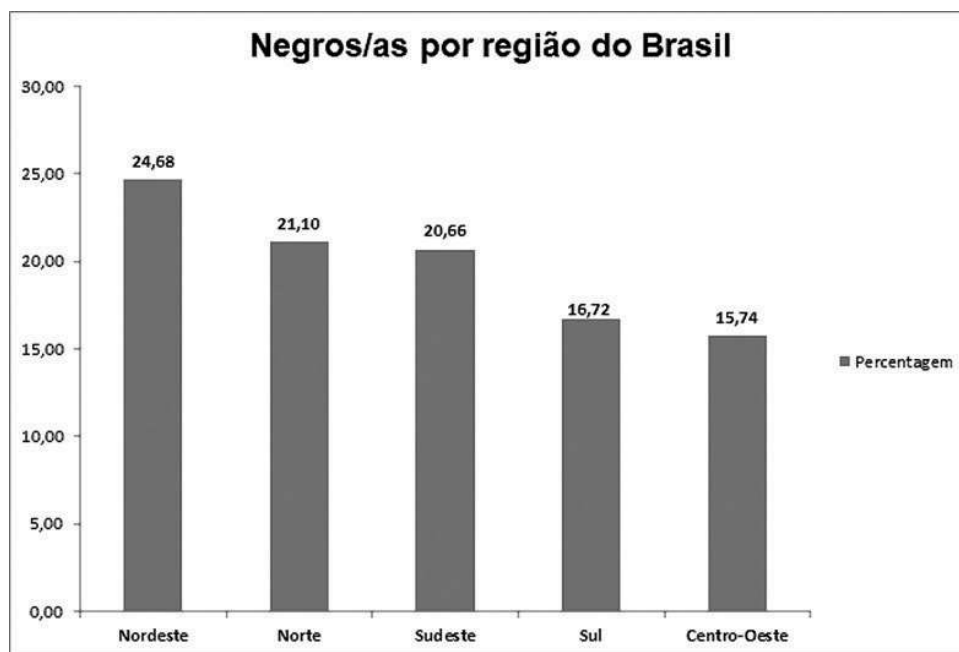
A inserção do item lexical “negra” na pesquisa teve relevância por mostrar que, entre os 53,06% (negros, pretos e pardos), 16,52% se auto-identificaram como negros, indicando que a questão da identidade racial está para além da cor da pele, passando pelo critério da consciência e das concepções oriundas dos movimentos sociais, uma dimensão de caráter político (expressão de formas de organização de lutas sociais e resistências ao racismo secular brasileiro).

Na conjuntura nacional, em que prevalecem a desigualdade e a discriminação racial, associadas à forma como as organizações sociais, políticas, econômicas, culturais e até religiosas constituíram-se histórica e socialmente nas cidades, pesam sobre a população afrodescendente tratamentos diferenciados que, na prática, traduzem-se em uma relação de dominação, exploração e discriminação.

Dados da PNAD-C mostram diferenças regionais na distribuição da população por raça ou cor, tendo como justificativa o processo de ocupação territorial. Tais dados mostram que, na região Sul, 76,8% da população autodeclarou-se branca, 18,7% como parda e apenas 3,8% como preta. Em contrapartida, na região Norte, 72,3% identificou-se como parda; 19,5% como branca e 7% como preta¹⁴. Na análise da pesquisa feita no 14º Intereclesial, em que se extraiu o percentual de negros e negras por região do Brasil, considerando a totalidade dos participantes, obteve-se o resultado: 24,68% dos negros/as eram da região Nordeste, 21,10% da região Norte, 20,66% do Sudeste, 16,72% da região Sul e 15,74% do Centro-oeste.

¹³ SARAIVA, 2017.

¹⁴ SARAIVA, 2017.

Gráfico 2

Fonte: Pesquisa 14º Intereclesial CEBs 2018, LERR/UUEL

Essa representatividade torna o destaque étnico-racial relevante, ainda mais sob a perspectiva dos debates relacionados ao direito à cidade, que, se bem construídos, poderiam significar uma importante contribuição para a Igreja, mas também para a sociologia urbana, elucidando situações pouco exploradas ainda por essa ciência, conforme afirma a pesquisadora Raquel Rolnik, que também assessorou o 14º Intereclesial nessa temática.

Na verdade, o tema empírico do negro nas cidades até agora foi pouco explorado nos textos brasileiros da sociologia do negro ou da sociologia urbana. Os mais importantes trabalhos na área da sociologia do negro não discutem especificamente a questão urbana, e muito menos de um ponto de vista físico-territorial. Por outro lado, a sociologia urbana tem trabalhado a questão da inserção das classes populares na cidade brasileira sem recortá-las do ponto de vista étnico. Os poucos trabalhos que se referem ao tema, produzidos em geral no âmbito da antropologia, trazem descrições e análises apenas de instituições negras específicas, como terreiros religiosos ou escolas de samba.¹⁵

¹⁵ ROLNIK, R. "Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro". *Blog Raquel Rolnik*. São Paulo, 16 set. 1989, p. 1.

Pensar o lugar da população negra no território urbano, a partir de um debate no interior da Igreja Católica no Brasil, pode indicar novos rumos que levem a reduzir os efeitos nocivos da escravidão, ainda tão presentes nos indicadores sociais no País. No campo católico nacional, são as CEBs que se articularam com as demandas sociais e produziram estratégias aliançadas com a Pastoral do Negro para realizar enfrentamentos contra o racismo e as desigualdades sociorraciais brasileiras.

As ações das CEBs e da Pastoral do Negro foram organizadas, no Brasil, na década de 1970, sob o impulso do Concílio Vaticano II (1962 a 1965), a partir do qual se abrem as possibilidades de participação, intervenção de leigos, de leigas na dimensão religiosa e na ação frente à sociedade dentro do universo católico. Desde sua origem, as CEBs assumiram o caráter progressista, sob o prisma do campo católico, com base na Teologia da Libertação, denunciando as situações de injustiça e de discriminação da população, entre elas, a racial.

A abertura da Igreja Católica a essas reflexões na segunda metade do século XX não isenta a instituição da sua responsabilidade em projetos anteriores, que contribuíram para a manutenção da escravidão no Brasil e, conseqüentemente, para as formas sucessivas de desrespeito e de discriminação em relação à população negra. Em pesquisa documental nas fontes católicas, há uma crítica elaborada por frei David (da Ordem dos Franciscanos):

Nestes últimos cinco séculos de evangelização, a relação entre a população negra e a Igreja Católica passou por várias etapas. Até a proclamação da República, em 1889, vigorou entre a Igreja Católica e o Estado o regime do Padroado. A religião oficial do Estado era a Católica. Quando frei Henrique de Coimbra celebra a primeira missa, no dia 26 de abril de 1500, ele batizou o país com o nome de Vera Cruz. Aquele foi o início do projeto católico/franciscano. Ele foi suplantado pelo Projeto que apoiava a atitude extrativista exploradora. No que se refere à postura evangelizadora-ecclesial, tivemos momentos de profunda opressão, quando a Igreja identificou-se com os colonizadores. Em outros momentos, a Igreja voltou-se para a realidade dos

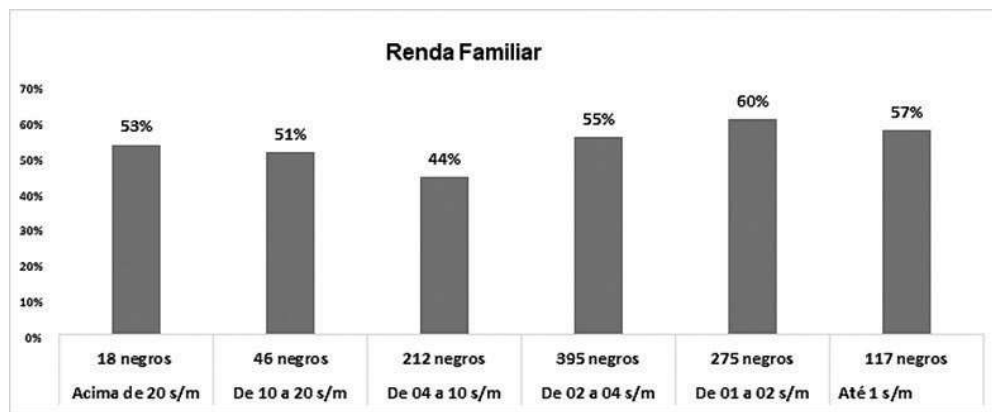
excluídos – período curto – identificando-se e solidarizando-se com o oprimido, assumindo que esse tinha o rosto marcadamente negro, indígena, cigano e feminino, e representava o rosto de Deus.¹⁶

Desenvolver os estudos a partir do recorte étnico-racial e perceber a influência dos negros e das negras no 14º Intereclesial pode significar um grande passo para novas ações afirmativas brasileiras ou mesmo motivar mudanças dentro do campo católico brasileiro, porque consideramos o cenário nacional, em que manifestações de racismo e discriminação avançam pública e institucionalmente nos espaços urbanos, sem antes avançar o suficiente nas políticas de direito à cidade de parte da população que ainda é submetida a viver à margem das “benesses” modernas do mundo urbano.

Destacam-se da pesquisa feita pelo LERR/UEL algumas particularidades importantes a serem analisadas, especialmente no que se refere à renda familiar, ao vínculo religioso com as CEBs, à faixa etária, à escolaridade, às principais preocupações em relação ao mundo urbano, bem como às políticas públicas utilizadas por esses participantes e à sua participação política.

Do total de participantes do encontro que responderam à pesquisa, considerando brancos e negros, extraímos o perfil dos participantes por faixa de renda. Essa questão foi respondida por 1.990 participantes do encontro. Desses, 1.063 faziam parte do grupo que se autodeclararam negros, pretos e pardos. Entre os que declararam uma renda familiar acima de 20 salários mínimos, 53% são negros; entre os que declararam possuir uma renda familiar de 10 a 20 salários mínimos, 51% são negros. No outro extremo, entre os que declararam uma renda familiar de 02 a 04 salários mínimos, 55% são negros; dos que indicaram uma renda de 01 a 02 salários mínimos, 60% são negros; entre os que disseram viver com menos de um salário mínimo, 57% são negros. Por fim, os que declararam uma renda familiar de 04 a 10 salários mínimos, apenas 44% são negros. Em relação à renda, a pesquisa apresentou os seguintes dados:

¹⁶ SANTOS, D. R. “Como a igreja católica tratou negros e negras nestes 507 anos?”. *Tempo e Presença Digital*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, nov. 2007, p. 1. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=102&cod_boletim=6&tipo=Artigo. Acesso em: 10 jul. 2018.

Gráfico 3

Fonte: Pesquisa 14º Intereclesial CEBs 2018, LERR/UUEL.

Percebe-se que, apesar de os negros e as negras serem a maioria nas melhores categorias salariais, esse dado é atribuído a um pequeno número de participantes (18 pessoas); nas demais, 74,03% de negros e de negras que responderam à questão, recebem uma média salarial de até quatro salários mínimos (787), sendo praticamente a metade desses (392), uma renda de até dois salários mínimos

Ao considerar relevante o fator renda, os participantes negros e negras pesquisados detêm uma renda familiar muito superior à média nacional, pois, em 2015, os brasileiros brancos ganhavam o dobro do que ganhavam os negros: R\$ 1.589,00 contra R\$ 898,00 conforme dados obtidos pela revista *Carta Capital*¹⁷. Seguindo essa disparidade de renda, o país chegaria a uma equivalência salarial apenas em 2089, coincidentemente 200 anos após a chamada e propagada abolição da escravidão no Brasil. Esses dados constam do relatório da Oxfam do Brasil.¹⁸ Levando em conta os dados extraídos do IPEA e da PnaD, “67% dos negros no Brasil estão incluídos na parcela dos que recebem até 1,5 salário mínimo. [...] Entre os brancos o índice fica em 45%”¹⁹; ou seja, a desigualdade

¹⁷ MARTINS, R.; MARTINS, M. “Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil”. *Carta Capital*, São Paulo, 20 nov. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>. Acesso em: 4 maio. 2018.

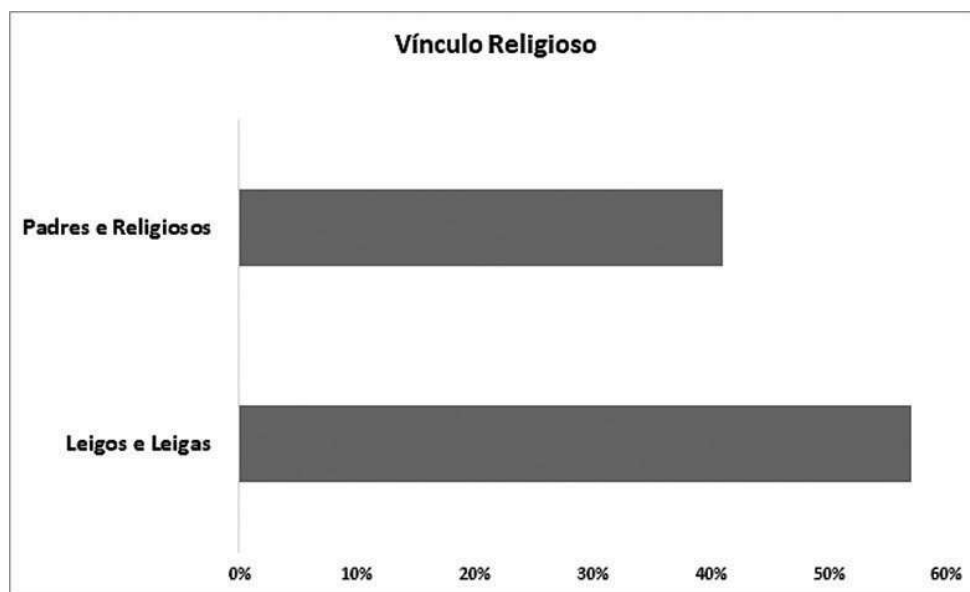
¹⁸ OXFAM BRASIL, 2018.

¹⁹ MARTINS; MARTINS, 2017.

racial no Brasil em relação à renda é tão grande que levaria mais de 70 anos para uma equiparação aos níveis da população branca. Isso, se as mudanças comesçassem de imediato, o que não acontece.

Para melhor identificar os negros e as negras participantes do encontro, observamos o vínculo religioso com as Comunidades Eclesiais de Base. Os dados revelam que 57% de leigos presentes no encontro eram negros. Entre os padres e religiosos/as, os negros representaram 41% dos participantes.

Gráfico 4



Fonte: Pesquisa 14º Intereclesial CEBs 2018, LERR/UDEL

A partir das fontes orais sobre a organização e a trajetória histórica dos encontros Intereclesiais das CEBs, é possível indicar que esses encontros são marcados pela presença maciça de leigos. Na pesquisa, destacamos também a presença de padres e religiosos/as, com capacidade de reproduzir em suas regiões, as reflexões temáticas experienciadas no encontro.

Destaca-se também que, entre o grupo de padres e religiosos, havia 10 bispos que responderam à pesquisa e se autodeclararam pardos, negros ou pretos. No entanto, havia 66 bispos presentes no encontro²⁰.

²⁰ Dado fornecido pelo secretariado do 14º Intereclesial das CEBs, extraído da fonte: ficha de inscrição dos participantes.

Fazemos esse destaque pelo fato de a CNBB registrar apenas 11 bispos negros no Brasil, o que torna esse dado relevante. Segundo a BBC Brasil, em 2007²¹, os bispos afrodescendentes representam apenas 2,5% dos 434 membros da Igreja com essa função no país, além de nenhum negro estar entre os oito cardeais brasileiros. O padre Oscar Beozzo que, em 2007, coordenava o Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação Popular, afirmou à rede BBC Brasil que essa “é uma realidade problemática no perfil racial do nosso episcopado, cujo padrão étnico se choca com o da população brasileira”²².

Um exemplo de luta contra o racismo no episcopado brasileiro é atribuído a Dom Jose Maria Pires, conhecido como Dom Zumbi, falecido em 2017 aos 98 anos. Grande incentivador das CEBs, Dom Zumbi falou aos participantes do 6º Encontro das CEBs, realizado em 1986 em Trindade (GO):

Estamos presenciando hoje e aqui os sinais de uma nova aurora que vem despertar a Igreja de Jesus Cristo. No passado ela não se mostrou suficientemente solidária com a causa dos escravos; não condenou a escravidão do negro; não denunciou as torturas de escravos; não amaldiçoou o pelourinho; não abençoou os quilombos; não excomungou os exércitos que se organizaram para combatê-los e destruí-los. ‘[...] Mais longa que a escravidão do Egito, mais dura do que o cativo da Babilônia foi a escravidão do negro no Brasil. Houvesse a Igreja da época, marcado presença mais na Senzala do que na Casa Grande, mais nos Quilombos do que nas Cortes, outros teriam sido os rumos da história do Brasil’.²³

A partir das análises e das interpretações, destaca-se a importância da presença de religiosos/as, padres e bispos negros no 14º Intereclesial, justamente por serem lideranças institucionais da Igreja Católica no Bra-

²¹ REY, V. “Igreja no Brasil tem apenas 2,5% de bispos negros”. *BBC Brasil*, São Paulo, 10 abr. 2007. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070409_negrosigrejavr_ac.shtml. Acesso em: 18 jul. 2018.

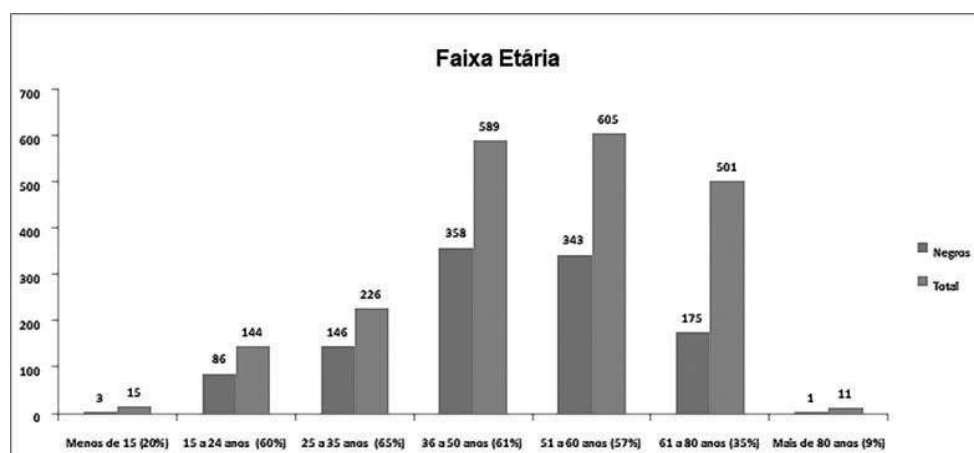
²² REY, 2007.

²³ LOPES, M. “Dom Zumbi Maria Pires: a igreja na senzala, com os seus, e não na Casa Grande”. *Paz e Bem*, [S.l.], 2017. Disponível em <https://outraspalavras.net/maurolopes/2017/08/29/dom-zumbi-maria-pires-a-igreja-na-senzala-com-os-seus-e-nao-na-casa-grande/>. Acesso em: 28 jul. 2018.

sil, e o fato de participarem dos debates pode ser um indicativo de possibilidade de mudanças e de maior comprometimento da instituição face às desigualdades, à discriminação e ao racismo, visivelmente observados na realidade do mundo urbano em todas as regiões do País.

Ao observar a faixa etária dos negros e das negras participantes do 14º Intereclesial, notamos uma boa distribuição entre as idades de 15 a 60 anos, indicando que as CEBs trabalham na perspectiva intergeracional. Isso é importante, considerando as grandes pautas do mundo urbano, mas há que se destacar entre eles a presença de 232 jovens negros, com idade entre 15 e 24 anos e de 25 a 35 anos, o que indica a presença da juventude nesse debate em torno do direito à cidade e seus desafios.

Gráfico 5



Fonte: Pesquisa 14º Intereclesial CEBs 2018, LERR/UEL.

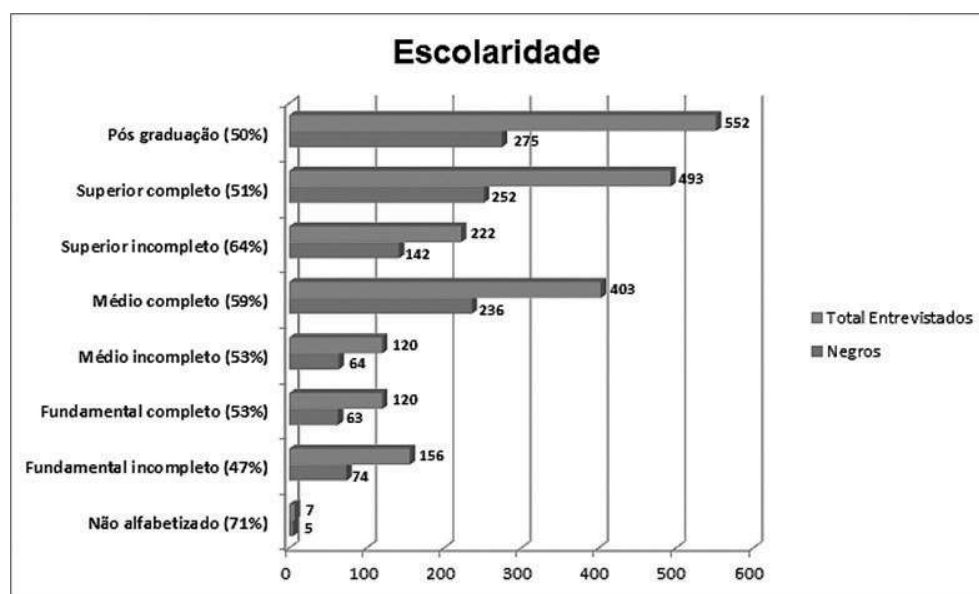
A trajetória do jovem negro nas cidades é marcada pela discriminação e pela violência. Os dados do IPEA revelam que pessoas do sexo masculino, jovens e de baixa escolaridade foram as principais vítimas naquele ano de mortes violentas no Brasil. É preciso observar, no entanto, que a cada 100 pessoas assassinadas, 71 são negras, a maioria jovem.²⁴ Os jovens negros do sexo masculino são as principais vítimas

²⁴ CERQUEIRA, D.; LIMA, R. S.; BUENO, S.; VALENCIA, L. I.; HANASHIRO, O.; MACHADO, P. H. G.; LIMA, A. S. *Atlas da Violência 2017: Ipea e FBSP*. Rio de Janeiro: IPEA, 2017, p. 32. Disponível em: www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf. Acesso em: 2 maio 2019.

da violência em nossas cidades. Eis aqui um dos grandes desafios do 14º Intereclesial. O alto número de jovens atuantes nas comunidades é um indicador de que a juventude quer contribuir para dar visibilidade a essa dramática estatística nas diversas regiões do país, buscando saídas.

Outro dado que chama a atenção é acerca da escolaridade dos participantes negros. Das 1.118 pessoas, 669 têm ensino superior completo, incompleto ou pós-graduação, indicando dados acima da média nacional da presença dos negros nas universidades.

Gráfico 6



Fonte: Pesquisa 14º Intereclesial CEBs 2018, LERR/UEL

Esses dados positivos em relação à escolaridade dos participantes negros do 14º Intereclesial pode estar associado aos resultados obtidos após 2005, com a implantação das ações afirmativas nas universidades, elevando de 5,5% para 12,8% a formação em nível superior dos jovens negros, segundo a pesquisa Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE em 2015²⁵. Apesar dessa alteração, os números, se comparados

²⁵ VIEIRA, I. “Percentual de negros em universidades dobra, mas é inferior ao de brancos”. *EBC*, Rio de Janeiro, 2 dez. 2016a. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-12/percentual-de-negros-em-universidades-dobra-mas-e-inferior-ao-de-brancos>. Acesso em: 4 jul. 2018

aos jovens brancos, são ainda muito desiguais. O acesso dos jovens brancos às universidades chegou, em 2015, a 26,5%, mais que o dobro da juventude negra.

2. A população negra e os desafios do mundo urbano

Ao tratar dos desafios do mundo urbano, os participantes foram provocados a pensar o processo de urbanização no Brasil, especialmente entre os anos 1940 e 1980, quando o êxodo do campo para as cidades constituiu grandes centros urbanos. Se, em 1940, 80% da população vivia no campo, temos hoje, conforme o censo demográfico 2010, um país com 84,4% das pessoas concentradas nos centros urbanos.²⁶ A pesquisadora urbanista Raquel Rolnik, ao analisar as condições das cidades pelo Brasil, afirma que

as pessoas que vieram do campo jamais foram “incluídas” na vida urbana no sentido pleno. Foi um modelo que incluiu sem incluir. Jamais a cidade disponibilizou terra, infraestrutura urbana, moradia, para quem chegou. O seu lugar foi construído pelos próprios chegantes. Os mais pobres, que sempre foram a maioria – 70% a 80% das cidades são constituídas de pobres –, autoproduziram seu habitat nas cidades a partir de relações de compadrio, de relações religiosas, sem ter nenhum recurso para isso: sem terra, sem lugar, sem infraestrutura, sem dinheiro. Assim surgiram favelas, ocupações, loteamentos populares, acampamentos, assentamentos. Tudo isso não é cidade. Cidade é espaço infraestruturado, com saneamento, áreas verdes, transporte, mobilidade, espaços sociais etc. As pessoas fizeram suas casas ali onde não havia cidade.²⁷

²⁶ OLIVEIRA, N. “Nova proposta de classificação territorial do IBGE vê o Brasil menos urbano”. *EBC*, Rio de Janeiro, 31 jul. 2017, 2017, p. 1. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-07/nova-proposta-de-classificacao-territorial-do-ibge-ve-o-brasil-menos-urbano>. Acesso em: 4 dez. 2018.

²⁷ ROLNIK, R. “A questão urbana no Brasil contemporâneo”. *Portal das CEBs*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2017. Disponível em: <http://portaldascebs.org.br/2017/04/10/a-questao-urbana-no-brasil-contemporaneo/>. Acesso em: 15 jul. 2018.

Um dos principais pensadores do racismo no Brasil, Carlos Hasenbalg, faz uma análise sobre estrutura de classe, estratificação social e raça e traz uma extraordinária contribuição para o debate em torno da vida dos negros na cidade, considerando a mobilidade dessa população no território urbano. Na obra “Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil”, ele analisa a população negra em relação à classe social, diretamente vinculada ao elemento econômico e refletida enquanto coletividade. Também observa os negros na perspectiva da estratificação social, que está relacionada à alocação de posições sociais na sociedade, costumes, hábitos, prestígio social, prevalecendo, nesse caso, a ação do indivíduo. Ele evidenciou, a partir de vários contextos, como os negros, de uma forma ou de outra, estão fora dos padrões sociais estabelecidos pelas elites das cidades. “A raça opera como um critério socialmente relevante no preenchimento de posições na estrutura de classes, bem como nas dimensões distributivas da estratificação social”.²⁸

O pesquisador deixa tanto um legado para a produção científica, como uma grande influência nos debates dentro dos movimentos sociais, em virtude da convergência de pensamento e análise entre aqueles que debatem e lutam contra o racismo e pela igualdade racial no Brasil.

A raça como traço fenotípico historicamente elaborado, é um dos critérios mais relevantes que regulam os mecanismos de recrutamento para ocupar posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social. Apesar de suas diferentes formas (através do tempo e espaço), o racismo caracteriza as sociedades capitalistas multirraciais contemporâneas. Como ideologia e como conjunto de práticas cuja eficácia estrutural manifesta-se numa divisão racial do trabalho, o racismo é mais do que um reflexo epifenomenico da estrutura econômica ou um instrumento conspiratório usado pelas classes dominantes para dividir os trabalhadores. Sua persistência histórica não deveria ser explicada como mero legado do passado, mas como grupo racialmente supraordenado no presente.²⁹

²⁸ HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 97.

²⁹ HASENBALG, 2005, p. 124.

A historiadora Pietra Diwam, que estuda a política de eugenia em todo o mundo, fala como o Brasil aderiu a essa proposta como forma de também purificar a raça e libertar o Brasil da “feiura” atribuída aos negros, a exemplo de outros países.

Os eugenistas surgiram no efervescer desses conflitos e tinham propostas e soluções para curar o Brasil. Muitos eram os caminhos dessa limpeza: o branqueamento pelo cruzamento, o controle de imigração, a regulação dos casamentos, o segregacionismo e a esterilização. É importante ressaltar que a eugenia abraçou todas essas correntes. É muito comum ouvir afirmações de que o eugenismo foi uma corrente de pensamento do início do século XX surgida com as correntes sanitaristas e higienistas, que muitas vezes dialogam entre si. Para muitos, afirmar que esse ou aquele pensador era eugenista pode soar como ofensa. Mas é importante ressaltar que muitos intelectuais brasileiros foram adeptos do eugenismo, e há documentos que comprovam tal afirmação. Ser eugenista não é uma condenação, mas a constatação de que muitos intelectuais do período compartilhavam e defendiam essas ideias. Omitir tais informações é preterir o passado.³⁰

Dessa e de outras formas, os negros foram submetidos a todas as tentativas de colocá-los fora do padrão exigido pela sociedade, acentuando sobre eles o pesado fado da discriminação e da marginalidade.

O sociólogo Carlos Hasenbalg trabalha com a tese de que a situação de marginalidade social a que os negros são submetidos é resultado das práticas racistas e discriminatórias que estiveram presentes em todo tempo após a abolição, seja de forma oculta ou explícita, mas crítica às teses de que o racismo, o preconceito, as desigualdades entre brancos e não brancos estejam relacionadas apenas à escravidão ocorrida no Brasil. Para ele, apesar de a escravidão ter deixado marcas profundas, é a ordem capitalista quem dita as regras na sociedade, colocando os negros e as negras no mapa das desigualdades em todos os campos.

No capitalismo, a repartição do produto social sob as formas de renda, lucro, juros e salários pressupõe um conjunto de relações de

³⁰ DIWAN, 2013, p. 92-93.

produção historicamente desenvolvidas. A produção determina, mas também é determinada. Nesse sentido, a determinação não é nem unidirecional nem mecânica. Contudo, é a estrutura de produção que preside a forma desarticulação entre os diferentes momentos do processo unitário de produção, distribuição e consumo.³¹

Durante o 14º Intereclesial das CEBs, por meio de falas, celebrações, moções, os participantes denunciaram as diversas formas de discriminação a que os negros e as negras são submetidos, especialmente quando são evidenciadas pela ausência de políticas públicas ou alteração na legislação que faz retroceder direitos adquiridos com tanta luta.

Em relação aos debates realizados, os participantes foram questionados sobre as principais preocupações quanto ao mundo urbano, sendo possível assinalar mais de uma opção. O Gráfico 8 corresponde aos principais desafios das cidades na opinião dos entrevistados.

Observa-se que as principais preocupações de negros e de negras em relação ao mundo urbano são basicamente as mesmas que as dos brancos, com destaque para o item desigualdade social e pobreza, no qual 54,7% dos que optaram por esse item são negros.

³¹ HASENBALG, 2005, p. 104.

Tabela 1

	Total dos Participantes			Participantes Negros		
	Nº de respostas	% respostas totais	% total de participantes	Nº de respostas	% respostas totais	% total de participantes
Saúde e saneamento	1.420	22,6%	67,4%	761	22,4%	68,1%
Violência e Segurança	838	13,4%	39,8%	477	14,0%	42,7%
Desigualdade Social e pobreza	755	12,0%	35,8%	415	12,2%	37,1%
Educação e formação	684	10,9%	32,5%	373	11,0%	33,4%
Condições dignas de moradia	648	10,3%	30,8%	327	9,6%	29,2%
Trabalho	518	8,3%	24,6%	269	7,9%	24,1%
Democracia e participação política	308	4,9%	14,6%	165	4,9%	14,8%
Transporte público e mobilidade urbana	265	4,2%	12,6%	162	4,8%	14,5%
Movimentos e organizações sociais e populares	230	3,7%	10,9%	128	3,8%	11,4%
Questão socioambiental	191	3,0%	9,1%	98	2,9%	8,8%
Juventudes e Idosos	162	2,6%	7,7%	96	2,8%	8,6%
Religiões e combate à intolerância	92	1,5%	4,4%	48	1,4%	4,3%
Cultura e Lazer	89	1,4%	4,2%	49	1,4%	4,4%
Comunicação e democratização da mídia	76	1,2%	3,6%	29	0,9%	2,6%
Total	6.276	100,0%	2.106	3.397	100,0%	1.118

Fonte: Pesquisa 14º Intereclesial CEBs 2018, LERR/UUEL

A expressiva quantidade numérica de pessoas que assinalaram a preocupação com a saúde e saneamento chama a atenção e revela a precariedade dessas políticas em muitas regiões do País. Nas regiões Norte e Nordeste, especialmente, a insuficiência do saneamento está associada ao desafio do enfrentamento de doenças provocadas pela falta de estrutura. A pesquisa Síntese de Indicadores Sociais, produzida pelo IBGE em 2015, aponta que pessoas pretas e pardas vivem em locais mais precários que as brancas.³² Grande parte não tem acesso a água, esgoto, coleta de lixo,

³² VIEIRA, I. “IBGE: negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre”. *EBC*, Rio de Janeiro, 2 dez. 2016b. Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>. Acesso em: 4 jul. 2018.

mesmo depois que as condições de moradia melhoraram, pois o percentual de moradia de negras e negros atendidos com saneamento básico saltou de 44,2% para 55,3%, enquanto para os lares dos brancos alterou de 64,8% para 71,9%³³. Os dados oriundos da investigação no 14º Intereclesial mostram que negros e negras que indicaram preocupação com saúde e saneamento equivalem a 53,59% do total de respostas, cujo número absoluto é 1.420.

A preocupação com a desigualdade social e a pobreza foi expressa, em números absolutos, com 413 adesões. No entanto, corresponde ao percentual de 54,70% para os negros e as negras, o 2º lugar no *ranking*. Esse aspecto está *pari passu* com a escolha do tema formação e educação, que ocupou, em termos percentuais, o 3º lugar entre as preocupações dos participantes negros. As adesões à respectiva resposta representaram 54,23%, sendo possível indicar que parte significativa dos sujeitos identifica que os serviços públicos de educação não são plenos e satisfatórios. Segundo Vieira, os dados do IBGE na Síntese dos Indicadores Sociais em 2015 revelam que a renda está diretamente relacionada à escolaridade, aspecto a que negros e negras têm o acesso dificultado.

Em 2015, apesar de o número de negros cursando o ensino superior ter dobrado, influenciado por políticas de ações afirmativas, somente 12,8% dessa população chegou ao nível superior, enquanto os brancos de nível superior eram que 26,5% do total no mesmo ano. A dificuldade de os negros conseguirem entrar em uma faculdade reflete altas taxas de evasão escolar ainda no ensino fundamental, por causa das altas taxas de repetência ao longo da vida. Porém, as condições em que vivem também dificultam a escolarização.³⁴

É importante destacar que, entre os participantes negros e negras, o índice de escolaridade está bem acima da média nacional: 47,13% dos presentes já concluíram o nível superior e 15,87% estão em curso. Isso valida a preocupação dos sujeitos da pesquisa com esse item, pois fizeram a experiência de passar pelas barreiras estruturais de acesso à educação desde a colonização, como enfatiza Vieira apoiado em André Simões

³³ VIEIRA, 2016b.

³⁴ VIEIRA, 2016b.

do IBGE, reconhecendo, também ele, que a melhoria da vida das pessoas passa – necessariamente – pelas políticas públicas focadas em grupos desfavorecidos.

A população preta ou parda vem ampliando o acesso à educação e saúde, mas há uma herança histórica muito grande, e isso indica que as políticas públicas devem continuar a focar, principalmente, nesse grupo, disse o pesquisador. “Um país como o Brasil necessita de medidas específicas para corrigir essa desigualdade, esse é um ponto que deve ser frisado.”³⁵

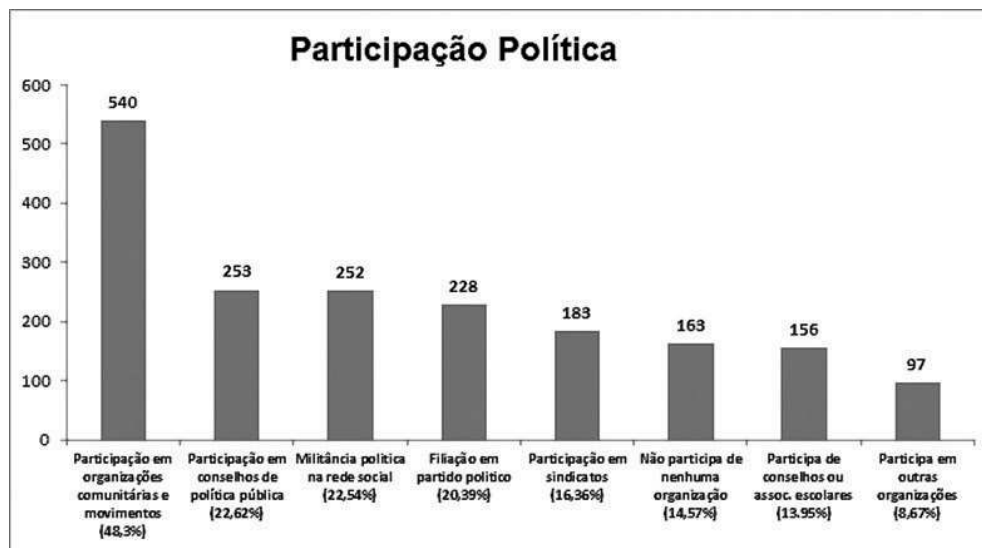
O tema da violência urbana foi apontado como a segunda das principais preocupações da população urbana na atualidade no âmbito geral da pesquisa. No caso investigado com o recorte étnico-racial, a preocupação com violência e segurança corresponde a 56,92% entre os sujeitos negros e negras investigados. Foi o maior percentual apontado pelo estrato, indicando que nenhuma outra preocupação é tão predominante na realidade em que vivem. Ao olhar os dados da violência no Brasil, o IPEA aponta os resultados dos estudos das últimas três décadas como uma tragédia nacional, que contabiliza mortes violentas que atingem especialmente os jovens negros, com baixa escolaridade. A pesquisa também aponta, com base em Cerqueira e Coelho³⁶, algumas situações que, juntas, contribuem para o homicídio da juventude afrodescendente: a questão social, as políticas e as práticas educacionais, a discriminação no mercado de trabalho.

Um dado importante que vai ao encontro das contribuições dos estudos sociológicos sobre as relações étnico-raciais é a participação política dos negros e negras entrevistados no Intereclesial. Ao serem interrogados sobre a atuação política, obtivemos os seguintes resultados:

³⁵ SIMÕES in VIEIRA, 2016b.

³⁶ CERQUEIRA, D.; COELHO, D. *Democracia racial e homicídios de jovens negros na cidade partida*. Rio de Janeiro: IPEA, 2017, p. 10. (Texto para discussão, 2267). Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7383/1/td_2267.pdf. Acesso em: 2 dez. 2018.

Gráfico 7



Fonte: Pesquisa 14º Intereclesial CEBs 2018, LERR/UEL

Considerando que essa questão era de múltipla escolha, temos um dado fundamental ao observar a participação política de negros e negras no debate sobre as políticas públicas. Apenas 14,57% deles não participam de nenhuma organização política em suas regiões e comunidades, um dado extremamente relevante, uma vez que são lideranças da Igreja Católica. Os dados mostram que, além de sua atuação pastoral, eles exercem atividades de cunho político em diversos espaços.

Observando a participação política indicada pelo Gráfico 10, relacionando-a às propostas apresentadas nos grupos de trabalhos do 14º Intereclesial, nota-se que, em grande medida, as propostas encaminhadas foram na linha da participação popular, do controle social e da fiscalização das políticas públicas. Dessa forma, é possível constatar comprometimento e politização do público presente, capaz de intervir nos debates e propor iniciativas que vão ao encontro das demandas coletivas que precisam ser pautadas também no campo religioso, sendo as CEBs a impulsionadora dessas ações.

Vale destacar que aproximadamente 50% dos negros e negras entrevistados declararam que participam de alguma organização comunitária ou movimento social, o que possibilita formular a hipótese de que existe uma possibilidade de execução dos encaminhamentos em todo o território brasileiro, considerando a representatividade regional

já apresentada anteriormente. O cientista político Daniel Seidel enfatiza que

Assim, podemos dizer que sete dinâmicas culturais, com consequências políticas marcam a cultura política com a qual lidamos no cotidiano de nossas lutas sociais: 1) a mentalidade colonizada (que valoriza o que ‘vem de fora’ e despreza o que é próprio de nossos povos tradicionais e originários: como os povos indígenas, ribeirinhos, povos da floresta, geraizeiros, fundo de pasto, entre outros); 2) racismo contra negras e negros, afrodescendentes (fruto da escravidão, desprezando os valores, costumes, religiões, trabalho manual e físico); 3) clientelismo (troca de favores, oriunda do período do coronelismo, cultura do medo e da intimidação: ‘você sabe com quem está falando?’); 4) a cidadania conquistada apenas pelo trabalho (fruto das lutas pelos direitos trabalhistas, conquistadas na época de Getúlio Vargas, com a imposição da CLT, provocando desprezo pelas pessoas desempregadas e população em situação de rua, ‘só é gente quem trabalha’); 5) autoritarismo (‘manda quem pode, obedece quem tem juízo’, gerada pelas ditaduras militares e civis que comandaram o Estado Brasileiro); 6) machismo (que patrocina a violência contra as mulheres e pessoas de identidade LGBTTT) e 7) consumismo (tornando as relações descartáveis e valorizando ‘quem tem’ e ‘quem aparenta ter’).³⁷

É importante registrar que entre os negros e as negras que constituíram o universo de investigação estavam também aqueles oriundos de outros países latino-americanos, em menor proporção. Eles também – nos seus espaços de debate – pactuaram a importância dos movimentos sociais e das organizações populares como forma de não reproduzir a mesma cultura política opressora que, nos seus respectivos processos históricos e sociais, também reprimiu e deixou à margem os saberes populares, indígenas e afrodescendentes.

³⁷ SEIDEL, D. *Realidade dos movimentos sociais e das organizações populares*. Apucarana: Mitra Diocesana de Apucarana, 2017, p. 57.

Considerações finais

Dentre os desafios elaborados e apresentados no Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base do Brasil e da América Latina realizado em Londrina (PR), em janeiro de 2018, há encaminhamentos que estão sob a perspectiva étnico-racial. A partir da epistemologia adotada, os sujeitos da investigação (estratos autodeclarados como negros, pretos ou pardos) expressam a maioria dos participantes leigos. No entanto, os negros e as negras componentes do clero católico (religiosos, padres e bispos) não possuem o mesmo *status* na composição dos dados sobre os participantes. Esse aspecto indica que, dentro da hierarquia eclesial, em um evento do campo progressista do universo católico, os números revelam que a maioria dos componentes do clero é branca, evidenciando uma possibilidade para novas investigações.

A pesquisa apontou que os negros e negras das CEBs, no seu 14º encontro, são oriundos de todas as regiões do Brasil e constituem a maioria entre os participantes. São muito qualificados no sentido acadêmico e na busca por participação política. Dessa forma, podemos trabalhar com a hipótese da construção de novas relações sociais antirracistas no mundo urbano ao longo do século XXI, destacando, ainda, que parte da Igreja Católica no Brasil poderá potencializar a empreitada.

Consideramos que o produto gerado pelos debates e pelas reflexões do 14º Intereclesial das CEBs, associado aos dados explorados na pesquisa, constitui uma importante contribuição para a construção de novas estratégias de sociabilidade no mundo urbano, a exemplo do que foi aqui apresentado. Entre as muitas possibilidades, para finalizarmos, foi identificado que a maioria numérica dos sujeitos negros e negras assinalou que “saúde e saneamento” e “segurança e violência” estão entre as quatro principais preocupações no contexto da sociedade brasileira, destacando ainda “desigualdade social e pobreza” e “educação e formação”. As escolhas expressam que os serviços públicos são insuficientes e, muitas vezes, de má qualidade, bem como a maior parte da população não consegue acessar os benefícios dos serviços privados de segurança, saúde e educação. Assim, ampliação e incremento da qualidade dos serviços públicos e maior participação da população em sua gestão são estratégias que colaborariam na

superação das mazelas históricas ou da permanência do racismo na sociedade brasileira.

Por fim, resta-nos tornar pública a ênfase expressa pelos participantes negros e negras na estratégia de valorização, busca pelo acesso, ampliação e melhoria na qualidade dos serviços públicos e na participação política nos espaços democráticos, como forma de alterar os mecanismos de representação que têm mantido privilégios e a concentração da riqueza. Modificar o quadro histórico de exclusão exige mobilização das pessoas e das instituições para enfrentar as desigualdades, garantir direitos e construir novas relações, sem a predominância do racismo.

Referências

- CERQUEIRA, D.; LIMA, R. S.; BUENO, S.; VALENCIA, L. I.; HANASHIRO, O.; MACHADO, P. H. G.; LIMA, A. S. *Atlas da Violência 2017*: Ipea e FBSP. Rio de Janeiro: IPEA, 2017. Disponível em: www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf. Acesso em: 2 maio 2019.
- CERQUEIRA, D.; COELHO, D. *Democracia racial e homicídios de jovens negros na cidade partida*. Rio de Janeiro: IPEA, 2017. (Texto para discussão, 2267). Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7383/1/td_2267.pdf. Acesso em: 2 dez. 2018.
- CONCÍLIO Vaticano II: 50 anos depois. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, RS, ano 12, n. 401, p. 2, set. 2012. Disponível em: www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao401.pdf. Acesso em: 3 maio 2019.
- DIWAN, P. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2013.
- GUIMARÃES, A. S. A. “Como trabalhar com raça em sociologia”. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, 2003, p. 93-107. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DYxSGJgkwVyFJ8jfT8wxWx-C/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.

- HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- LOPES, M. “Dom Zumbi Maria Pires: a igreja na senzala, com os seus, e não na Casa Grande”. *Paz e Bem*, [S.l.], 2017. Disponível em <https://outras-palavras.net/maurolopes/2017/08/29/dom-zumbi-maria-pires-a-igreja-na-senzala-com-os-seus-e-nao-na-casa-grande/>. Acesso em: 28 jul. 2018.
- LÖWY, M. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez, 1991.
- MARTINS, R.; MARTINS, M. “Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil”. *Carta Capital*, São Paulo, 20 nov. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>. Acesso em: 4 maio. 2018.
- OLIVEIRA, N. “Nova proposta de classificação territorial do IBGE vê o Brasil menos urbano”. *EBC*, Rio de Janeiro, 31 jul. 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-07/nova-proposta-de-classificacao-territorial-do-ibge-ve-o-brasil-menos-urbano>. Acesso em: 4 dez. 2018.
- OXFAM BRASIL. *Quem somos*. Pinheiros, SP, 2018. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/a-distancia-que-nos-une/>. Acesso em: 2 dez. 2018.
- REY, V. “Igreja no Brasil tem apenas 2,5% de bispos negros”. *BBC Brasil*, São Paulo, 10 abr. 2007. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070409_negrosigrejavr_ac.shtml. Acesso em: 18 jul. 2018.
- ROLNIK, R. “A questão urbana no Brasil contemporâneo”. *Portal das CEBs*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2017. Disponível em: <http://portaldas-cebs.org.br/2017/04/10/a-questao-urbana-no-brasil-contemporaneo/>. Acesso em: 15 jul. 2018.
- _____. “Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro”. *Blog Raquel Rolnik*. São Paulo, 16 set. 1989. Disponível em <https://raquelrolnik.wordpress.com/1989/09/16/territorios-negros-nas-cidades-brasileiras-2>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- SANTOS, D. R. “Como a igreja católica tratou negros e negras nestes 507 anos?”. *Tempo e Presença Digital*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, nov. 2007. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=102&cod_boletim=6&tipo=Artigo. Acesso em: 10 jul. 2018.

SARAIWA, A. “População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos”. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 24 set. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores>. Acesso em: 3 dez. 2018.

SEIDEL, D. *Realidade dos movimentos sociais e das organizações populares*. Apucarana: Mitra Diocesana de Apucarana, 2017.

VIEIRA, I. “Percentual de negros em universidades dobra, mas é inferior ao de brancos”. *EBC*, Rio de Janeiro, 2 dez. 2016a. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-12/percentual-de-negros-em-universidades-dobra-mas-e-inferior-ao-de-brancos>. Acesso em: 4 jul. 2018

. “IBGE: negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre”. *EBC*, Rio de Janeiro, 2 dez. 2016b. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>. Acesso em: 4 jul. 2018.

Submetido em: 15/04/2021

Aceito em: 18/06/2021